

PONCE DE LEÓN, Napoleón Baccino. *Maluco – romance dos descobridores*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 292p.

Sheila Maria Doula *

Muitos dos historiadores que se debruçam sobre o período dos descobrimentos consideram a viagem de Fernão de Magalhães uma das maiores proezas marítimas – afinal, essa viagem representa a primeira volta ao mundo, realizada no período de 1519 a 1522. O objetivo de Magalhães era afirmar a soberania do rei espanhol Carlos V sobre as ilhas Molucas, reclamadas pelos portugueses que haviam tomado posse com base no Tratado de Tordesilhas. Se Magalhães, saindo da Espanha, costeando a África e cruzando o Atlântico, conseguisse encontrar uma saída ao sul do continente americano, então navegaria pelo Pacífico rumo ao norte, onde encontraria as Molucas; provaria, assim, que essas ilhas pertenciam ao reino espanhol, segundo o mesmo Tratado de Tordesilhas.

Da frota composta por 5 naus e 237 homens, só uma retornou à Espanha com 18 sobreviventes. Seis deles deixaram um relato dessa viagem dramática, entre os quais, o italiano Antonio Pigafetta, que produziu uma narrativa mais detalhada.

Provavelmente com base nesses relatos, Ponce de León construiu o seu romance. O narrador é Juanillo Ponce, um bufão judeu que supostamente teria sido um dos tripulantes e sobreviventes da esquadra.

Ao contrário de Dom Hernando (Fernão de Magalhães) que declarava sua atração pelos mares desconhecidos e pelo exercício da conquista, o irreverente Juanillo fazia parte do imenso grupo de homens que se lançava ao mar para não morrer de fome em terra. Acreditando que a viagem a Maluco (nome que os portugueses davas às Molucas) resultaria em riquezas e prestígio por conta das especiarias que trariam, muito cedo esses homens se deram conta de uma realidade perturbadora. Por quê, pergunta Juanillo.

* Doutoranda em Antropologia Social FFLCH/USP.

"(...) o que era Maluco para nós? Só um nome. Um nome estrangeiro que cada um adaptava a seus próprios sonhos, agarrando-se ao sortilégio de um estranho som mas sem investigar o significado, como que pressentindo que aquela palavra portuguesa não poderia significar outra coisa além de louco, porque na verdade isso é o que éramos" (p.11).

Sob o olhar de Juanillo a viagem a Maluco era isso, loucura e sonho preenchendo os espaços dessas "naus dos insensatos". Mas Maluco era a insensatez que tinha que dar certo, mesmo que para isso fosse necessário desfazer-se de um punhado de sonhos, orientar-se pelos mapas de um cartógrafo visionário que havia morrido louco, desvendar uma geografia incógnita e labiríntica, sobreviver às angustiantes calmarias que estancavam a vida, apodrecer de escorbuto, remediar a fome disputando os ratos dos porões, engolir a descrença, decapitar os conspiradores e degredar os amotinados.

Inicialmente uma obsessão individual de Fernão de Magalhães, questionada e ridicularizada por muitos, Maluco tornou-se um sonho coletivo que deveria vingar, mesmo após a morte do grande comandante. Fernão de Magalhães morreu em combate nas Filipinas antes de chegar às Molucas. Poucos chegaram. E os que conseguiram retornar à Espanha tiveram que jogar ao mar as especiarias obtidas, porque a nau que os conduzia já ameaçava naufragar. Um punhado de cravo no bolso foi o único estilhaço de sonho que restou aos sobreviventes.

Instigante, *Maluco* é um livro que cativa e pede para ser devorado.